



ESTADOS DE FÉ: A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO NO PARÁ E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NA PARAÍBA

Sonia Cristina de Albuquerque Vieira¹

Cristiano Amarante da Silva²

1. A festa de São Benedito em Ananindeua

A festa em homenagem a São Benedito em Ananindeua/PA, é um ritual realizado por migrantes oriundos da cidade de Bragança, interior deste mesmo estado, onde acontece uma tradicional festa para São Benedito há mais de 200 anos. E durante 30 anos este grupo de migrantes reproduzem esta festa em Ananindeua, cidade pertencente à região metropolitana da capital do estado, Belém, aos moldes da que é realizada em Bragança, celebrando o que será interpretado como “bragantividade”, ou seja, elementos simbólicos eleitos para representar o pertencimento aos nascidos na cidade de Bragança com determinadas formas de fazê-lo, traduzidas nesta ‘condição’ de bragantinos. Será assim, em torno da festa, que serão acionados os elementos que marcam esta celebrada identidade.

Na cidade de Bragança³, onde o culto a São Benedito teve início em 1798. O mito de origem da festa, bastante difundido entre e pelos nativos da região, diz que tudo começou quando os, então, negros escravizados pediram aos seus senhores para erguer uma igreja em homenagem ao santo. Pedido atendido, foi fundada a Irmandade⁴ de São Benedito e, em agradecimento, eles realizaram uma grande festa. O gesto se repetiu ano a ano e, assim, nasceu a "Marujada de Bragança", uma manifestação que reúne, danças, música, ritmos específicos, canções em louvor a São Benedito. E que, nestes mais de duzentos anos, vem sendo repetidamente

¹ Doutoranda em Antropologia-PPGSA/UFGA. E-mail: soniacristinav@hotmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões-PPGCR/UFGA. Professor do Curso de Licenciatura em História da UVA/UNAVIDA. Membro do Grupo de Pesquisa Videlicet/UFGA. E-mail: telogic2006@hotmail.com

³ Uma das cidades mais antigas do estado do Pará, segundo a publicidade e os pertencentes do local.mais informações ver: MAUÉS. Origens históricas da cidade de Bragança. In: Separata da Revista de História numero: 72.SP, 1967.

⁴ Sobre Irmandades Católicas além dos estudos de FIGUEIREDO, já citados, ver também, estudos anteriores GALVÃO, 1955; AZZI, 1977; HOORNAERT, 1974; BOSCHI, 1986; (MAUÉS, 1987 entre outros.



atualizada, a cada festa, pelos devotos bragantinos do santo, ganhando hoje foro de manifestação cultural prestigiada e evidenciada como item privilegiado da identidade dos nativos do lugar, da própria cidade e da região bragantina. Um dos escritores bragantinos que escreveram sobre a festa de São Benedito da cidade de Bragança foi Armando Bordallo e sua principal obra foi: *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*, conclui que a Marujada como se apresenta em Bragança é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina por diversas razões segundo o autor, enquanto em outras regiões existem as dramatizações de feito marítimo, na região bragantina isso não acontece. Outro é que a característica da Marujada seria a dança, o Lundu com a denominação de Retumbão 5. Nonato da Silva, historiador, bragantino, autor da dissertação de mestrado: *Os donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. Inclusive cita o autor Bordallo, ao dizer que a dança da Marujada, é uma dança que existe desde o período das navegações em Portugal, trazida para o Brasil e aqui se transformando em uma espécie de “bailado popular, possivelmente entre fins do século XVIII e início do século XIX, porém com um caráter mais erudito, por influência de poetas inclusive com um nome” *Chegança de Marujos* “. O ponto alto da festa é em dezembro, mas sua preparação começa muito antes já no mês de maio⁶, quando dá-se início ao que eles chamam de “esmolação”, que tem como propósito levantar fundos para a festa. Na esmolação, três imagens do santo percorrem diferentes áreas da região bragantina, ganhando, cada uma delas, inclusive, denominação própria. São Benedito "das águas" segue em romaria fluvial, que acontece no dia 8 de dezembro, com a saída do santo denominado “praiano”, até o porto de Bragança; São Benedito "das colônias" ganha as comunidades próximas à Bragança e São Benedito "dos campos" percorre áreas rurais de Bragança. Na esmolação, a

⁵ ver: Miranda, Nicanor. *Marujada*. Divisão e Recreio. Departamento de cultura de São Paulo.

⁶ Na verdade bem antes, pois para saírem os grupos de esmoladores para cada espaço a que se dirigem, isso exige um preparo e uma organização anteriores.



“comitiva” de devotos do santo vai de casa em casa e é recebida com ladainhas e rezas, além de uma oferta de doces e comidas, feita por quem recebe o santo. O ritual da esmolação só termina no domingo anterior ao início da grande festa; é quando as três imagens retornam à cidade e são recebidas, conjuntamente com muita alegria e foguetes pelos moradores. Segundo Silva (1997), autor da dissertação de mestrado: Os tambores da esperança: um estudo sobre a cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança, a “Marujada de Bragança” é um ritual de louvor com danças e música, onde um grupo de mulheres e homens, denominados marujos e marujas, vestem-se com roupas características nas cores branca e azul em homenagem ao Menino Jesus, nos dias 25 e 31 de dezembro; e de branco e vermelho em homenagem a São Benedito, no dia 26 de dezembro, dia da festa do santo e daí em diante, nos outros dias da festividade, reunindo-se no “barracão” para dançar ao toque de instrumentos específicos e ritmos próprios da festa. A música é tocada por homens, os “tocadores da marujada”, que tocam instrumentos que são: tambor, pandeiro, banjo, reco, onça e rabeca. Vestidas de capitoa e subcapitoa, duas mulheres comandam a festa, em que, divididas em duas filas, outras mulheres, as “marujas” saem dançando e cantando por toda a cidade no auge da festividade: o mês de dezembro. Com túnica de mandrião branco, saia vermelha e azul, colares de contas, fitas coloridas e chapéus de abas douradas, altos confeccionados com penas brancas de patos, as “marujas” dançam em passos ligeiros e curtos ao ritmo do retumbão⁷, tocado pelos homens, os “marujos”, que vão atrás delas, nos últimos lugares das filas, tocando ainda seus tambores, pandeiros, cuíca, rabeca, viola, cavaquinho e violino. O autor analisa a festa de São Benedito de Bragança a Marujada, a utilização das comitivas de Esmoleiros de Bragança trajando opas, que é uma vestimenta utilizada na esmolação de São Benedito pelos rezadores, (esmoladores) promessas. Sendo, assim segundo o referido autor, a mais primitiva e original das manifestações de identidade de culto a São Benedito, por se “encaixar na delimitação metodológica dos gestos populares pela

⁷ O ritmo mais característico da marujada.



busca e alcance de uma resistência ao cativo do catolicismo disciplinador” e da fuga ao rompante processo que a então prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá movia pela reintegração de posse dos bens patrimoniais e culturais da festividade como um todo, contra a ainda “viva” Irmandade de São Benedito de Bragança a qual conseqüência, a sua Marujada chegou ao período no século XX intimamente ligada às principais tradições da cidade de Bragança.

1.1 Como tudo começou...

A festa em homenagem a São Benedito em Ananindeua que iniciou com Dona Amélia Sulamita Santana dos Santos, em 1985, que em 2007 completou a idade de 77 anos, natural de Bragança, “descendente de escravos”. Ela conta que a festa foi o pagamento de uma promessa feita para São Benedito, pois passou 10 anos de sua vida cega. Então resolveu fazer uma promessa e prometeu ao santo que se ficasse curada faria uma festa entre os bragantinos em Ananindeua da mesma forma da festa que é “tradição” em Bragança há mais de 200 anos. A festa começou a ser feita onde dona Amélia morava, uma antiga “invasão” na cidade de Ananindeua chamada por seus moradores, “Lago azul”⁸. Onde participavam cerca de 50 pessoas. Maria Luiza, conta que o local onde a Marujada se apresentava “era todo coberto de plástico” e que os juízes da festa foram sempre sua filha e netos.

A festa ficou sob a responsabilidade de Dona Amélia durante os cinco anos que corresponderam ao tempo do pagamento da promessa. Ela diz que “pensou” em prosseguir mas, devido o falecimento de seu marido, não se achou em “condições”(financeiras), como antes, de organizar a festa; foi então, que procurou uma pessoa que, como ela, fosse “filho de Bragança” e que, assim, fosse capaz de continuá-la tal qual a de seu lugar de origem para perguntar se esta gostaria de assumir a presidência da festa. É nesse

⁸ Nome de um condomínio de luxo da cidade de Ananindeua que também existe desde a década de 60 (PENTEADO, 1968), como a “invasão”, segundo Maria Luiza, ficara próximo dele, os moradores passaram a chama-la pelo mesmo nome.



momento que ela convida Raimundo do Socorro Souza, conhecido como Careca, que ela chama de “sobrinho”⁹, convite que ele, inicialmente, recusa:

“Quando minha tia me pediu pra assumir a festa eu recusei, achei que era muita responsabilidade; nesse momento eu fui soltar um foguete (para São Benedito) e queimei minha mão¹⁰; naquele momento o pretinho tava me castigando porque eu tinha recusado, é como se ele me falasse: “Careca, segue o teu destino” e eu não podia fugir, voltei lá com ela e aceitei e tô aqui e vou fazer essa festa enquanto vida eu tiver”

A partir de quando Careca assumiu a presidência, ele dá outro rumo a festa que se transfere para a Cidade Nova VI, onde ele reside, precedida da imagem do santo que segundo ele lhe, foi dada por dona Amélia,¹¹ imagem que ele tentou “batizar” várias vezes na Igreja do Divino Espírito Santo, localizada na Cidade Nova VIII, e onde o santo teria permanecido durante 7 dias; paróquia cujo pároco da época era muito amigo de Marcelo, filho de Merca, que na época também era seminarista. Inclusive, segundo Marcelo, o padre doou um terreno para o Careca construir uma capela para São Benedito, porém, após o falecimento desse antigo pároco, um novo assumiu a paróquia e descobriu a doação. Então, “Tomam o terreno de Careca” na fala de Marcelo e em seguida constroem uma capela para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no lugar. Ou seja São Benedito fica sem um templo religioso pois é um santo da marginalidade e que sofre “perseguição” segundo os bragantinos pela Igreja oficial.

1.2 Tudo isso leva à “bragantividade”

Desde meus primeiros contatos mais detidos com esse grupo migrante que festeja São Benedito, tenho ouvido, aqui e ali, falas que remetem a uma relação forte, algo como uma pertença e uma adesão a seu lugar de origem como, ao mesmo tempo, uma âncora e um espelho. Esse “sentir-se” bragantino, que Careca e o “pessoal lá de Bragança”- lembrado por mim, agora, no seu sentido positivado - tanto manifesta penso ser análogo ao sentimento de pertencimento de que trata Motta-Maués (1997) quando se refere aos afrobrasileiros: “Essa idéia da ‘volta às raízes’, o ‘retorno’ de que

⁹ Apesar de não existir nenhum laço de parentesco entre eles.

¹⁰ É perceptível ambiguidade do santo.

¹¹ Há sinais de um conflito pela posse do santo entre Careca e dona Amélia .



fala Y. Ferreira, ou a ‘volta’, como dizia Gil, passa, como vimos, por outra, a de sentir-se ligado a essas raízes (nesse sentido, sentir-se africano) por sua vez ancorada num raciocínio encopassador, que junta em si todos os elementos da proposta inicial. Então, é possível voltar (à África), sentir-se (africano), aderir à negritude (oposta ao branqueamento), tudo isso porque, na verdade, nunca se deixou de sê-lo, de estar lá. Embora, com o corte violento dos laços pela diáspora, até não se soubesse disso. Posto que, na raiz da interpretação, ou na definição da negritude pelos movimentos negros no Brasil, está a consideração da existência de uma especificidade negra dada pelos valores negro- africanos – uma alma negra- cuja matriz é a África- uma essência africana- que se carrega enquanto tal, onde for, sendo sempre possível (para o MN,102politicamente preciso) fazer vir á tona essa ligação original”(MOTTA-MAUÉS, 1997: 254-255)

A partir disso, a autora irá discutir a idéia dessa “volta às raízes”, da negritude, ou seja, da “africanidade”, que Motta- Maués(1997) define como referência a uma cultura negra, coisas partilhadas por todos os caminhantes da diáspora, dispersos, longe da mãe África. Ao dizer isso, a autora enfatiza que este fenômeno pode encontrar correspondência, por esdrúxulo que possa parecer, segundo ela, um contraponto, com o conceito de “germanidade” (Deutschtum), manifestado por alemães e descendentes de alemães, que imigraram no início do século para o sul do Brasil.(Seyferth,1982) Assim, me utilizo aqui, tanto da definição de Motta- Maués, como de Seyferth, vendo o caso dos migrantes bragantinos que manifestam em suas falas e na própria devoção a São Benedito também, de modo semelhante, este sentimento de pertencimento que é traduzido como “bragantividade”. Esse conceito é construído, assim, como o de africanidade/germanidade, pelas pessoas, a partir de seus contextos. Como evidência, frases que ouvi em campo, como: “É como se eu estivesse lá em Bragança” ou ainda “todos aqui formamos uma mesma família¹⁰³”, e ainda, “um bragantino reconhece outro bragantino aonde quer que ele esteja”. Entendo que se assemelha à questão da germanidade, onde a autora cita “um alemão permanece sempre alemão (...) em qualquer parte do mundo (...) um



alemão permanece sempre alemão, ainda que seu berço se situe na América” (Seyferth, 1982:126) Essa construção da “bragantividade” está ancorada em um conjunto de elementos representativos. Entre estes poderia citar aqui a devoção a São Benedito e a dança da Marujada, dois elementos que se complementam na prática. Assim, esta é a imagem, que Movimento negro. Relação também traduzida como na frase do capítulo anterior a analogia da “farofa” significando união, uma unidade este grupo pretende passar, exibir para os “outros”, os não-bragantinos, moradores de Ananindeua: de devotos (de São Benedito) e de Marujos (dançadores da Marujada)¹⁰⁴. E que também é compartilhada pelos bragantinos de fora (os que não organizam a festa). Mas, que participam, cada vez mais, dela, a cada ano. Com o perdão pela comparação, e pela grande diferença da presentificação de sua história, pela proximidade e, assim, pela possibilidade de retorno (a Bragança, mesmo) a qualquer momento, e na festa do santo mais efetivamente, é como se esses bragantinos em Ananindeua, tal como os teutobrasileiros, para Seyferth e os afro-brasileiros, para Motta-Maués, precisem “carregar” com eles a devoção e a dança como sua “alma” e suas “raízes”. Afirmo assim, que a devoção a São Benedito feita através da festa ao santo, pelos bragantinos, é única, no sentido de poder ser possível a utilização por esses migrantes. A fim de refazer uma outra festa, como eu tentei mostrar, com uma estrutura pensada para outro contexto. E essa reelaboração seja sempre passível de escolhas, críticas, preferências, permutas. Porém, a identidade de “bragantino” é o que será celebrado sempre; e quando qualquer outra festa em homenagem a São Benedito estiver acontecendo; se houver um bragantino presente; ele se utilizará do modelo de Bragança para emoldurar a devoção ao Glorioso São Benedito, ou simplesmente ao “Pretinho”, este o “São Benedito de Ananindeua”, como vimos eles dizem mesmo “ser bragantino é dançar Marujada e ser devoto de São Benedito”.

2. Devoção a Nossa Senhora do Rosário em Pombal na Paraíba

2.2 Um breve enredo histórico



Antes de nos remetermos propriamente a devoção em Pombal na Paraíba a uma necessidade de entendermos o contexto existente na região onde se encontra a cidade de Pombal as motivações que levaram a fundação da mesma. Ao observarmos o desenvolvimento dos ciclos econômicos presenciamos a existência escrava junto a tal desenvolvimento, seja no litoral marcado pelo ciclo da cana de açúcar, o qual a Paraíba chegou a ocupar o 3º lugar na produção de açúcar, bem como sertão que em virtude do solo será desenvolvido a pratica da pecuária e do plantio de algodão, o que acarretou a necessidade da mão de obra escrava e a necessidade da catequese desses ditos escravos. Professora Emília Rodat¹² nos apresenta o cenário do sertão paraibano neste período:

O desenvolvimento da grande exploração da Zona da Mata foi responsável pela criação de um segundo sistema econômico, dela depende que se estendeu em direção ao interior e se difundiu rapidamente povoando o sertão paraibano: a criação do gado (...) A exploração da ribeira do piranhas foi feita na última década do século XVII pelos homens de Oliveira Lêdo e paulistas oriundos do vale do Açu os quais vencendo os índios ai encontrados, fundaram a Aldeia Piranhas, posteriormente denominada Pombal. A partir da segunda metade do século XVII um novo produto passa a ocupar o papel importante na economia sertaneja: o algodão.

Durante o período de expansão do processo colonial para o interior a presença de escravos é algo que passa a ser notória, através de relatório régios, apesar da existência de grupos indígenas como ocorreu no início da colonização, foram os negros os grandes responsáveis por boa parte da mão de obra presente no sertão paraibano, em virtude da resistência e dizimação dos nativos da região ou mesmo migração. A exemplo do litoral, junto com a colonização vem a catequese, que fica em um primeiro momento sobre responsabilidade dos religiosos, principalmente em relação ao sertão da Paraíba os Franciscanos Menores e depois os Capuchinhos (Jaboatão, 1861, p. 361):

“Desde o anno referido de 1619 por diante, em que os nossos frades deixarão estas doutrinas da Paraíba, athe o de 1705 não se encarregarão de outras naquela comarca ; mas neste anno assim, sem nos constar o motivo, porque achamos nomedados em o capitulo

¹² www.ndihr.ufpb.br/programadeocupacao.html. Título: Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano. Emília Rodat Fernandes Moreira, acessado em 21 de agosto de 2015 as 08:00hs.



missionários para aldeia dos cariris, chamada assim por ser de índios desta nação doze léguas ao sertão da Paraíba.

Nesta permanecerão os nossos até 1724, em que se lhes poz o último missionário, passando deste para os religiosos capuchinhos italianos que até o presente são os seus administradores”

Apesar de terem os religiosos regulares os grandes responsáveis pela implantação da fé e das devoções católicas no interior da Paraíba com o tempo esta responsabilidade é passada para o clero secular em virtude da formação e implantação das vilas que tem por objetivo substituir a forma de organização das antigas missões existentes nas aldeias indígenas que vislumbravam apenas a catequização dos nativos.

2.3 A existência do Templo

É nesse contexto de expansão missionária e colonial que vai ser solicitado a Dom João V ajuda para se erguer uma vila no sítio da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Regis, 2002.p. 100):

1724, novembro,3, Paraíba

CARTA do Ouvidor geral da Paraíba, Manuel da Fonseca e Silva, ao rei [D. João V], sobre as correições que fez nas Ribeiras do Branco e Piranhas e a solicitação de várias pessoas para se erigir uma vila no sítio da matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

O documento do Arquivo Ultramarino vem confirmar a data do frontispício da Igreja onde se encontra a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos 1721, sendo padroeira Nossa Senhora do Bom Sucesso, mas o mesmo não faz referência a Irmandade do Bom Sucesso, defendida por Wilson da Nobrega (Benjamin, 1977, p. 39):

A atual Igreja do Rosário foi edificada não pelos Pretos do Rosário, mas por uma irmandade extinta de Nossa Senhora do Bom Sucesso. A primeira capela dataria de 1701 e a igreja em sua forma atual teria sido edificada em 1721 como aliás consta no frontispício. Em 1897 a imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso foi trasladado para nova igreja, ficando a igreja velha destinada ao culto de Nossa Senhora do Rosário pelos pretos.

As Irmandades ou Confrarias dos Homens Pretos tem sua maior ascensão no século XVIII principalmente nos estados de Minas Gerais, Salvador, Pernambuco, Rio de Janeiro, ligado diretamente ao ciclo econômico, sua presença na cidade da Paraíba, sede da Capitania da Paraíba é datada ainda da primeira metade do século XVIII, onde hoje se encontra, a atual praça Vidal de Negreiro na capital paraibana, culminando com a extinção da Irmandade. Hoje é a única referência que temos em relação a



Irmandade do Rosário dos Pretos na capital é a imagem que se encontra na Igreja do Rosário no Convento dos Frades Menores da província alemã, que vieram para Paraíba no Bispado de Dom Adauto de Miranda Henriques, já que os da Província de Santo Antônio do Brasil deixam a diocese ainda no século XIX, sendo o seu convento transformado em Seminário Diocesano da Diocese da Paraíba fundada 1892.

2.4 A Irmandade do Rosário da cidade de Pombal

É no final do século XVIII início do XIX que se inicia o processo de expansão das Irmandades dos Homens de Cor, para o interior encontramos em todo território paraibano a presença da devoção ao Rosário dos Pretos e São Benedito, a história escrita e oral aponta para o século XIX a criação da Irmandade do Rosário dos Pretos de Pombal é atribuída à Manoel Antônio Maria Cachoeira, que no século XIX foi pedir aprovação do termo de compromisso da Irmandade do Rosário dos Pretos ao arcebispo de Olinda e Recife (Benjamin, 1977, p.43):

De acordo com a tradição oral um lendário negro, Mané Cachoeira teria ido a Olinda, três vezes, a pé, a fim de obter a aprovação da Irmandade do Rosário, pelo Bispo daquela cidade a quem estava subordinada a paróquia na época, em face de uma disputa com o pároco da freguesia.

No tocante a organização da Irmandade não difere em nada das demais irmandades espalhadas pelo Brasil inspirado no termo de compromisso da Irmandade do Rosário dos Pretos de 1465 de Portugal, ligada à Igreja dos Dominicanos de Lisboa (Benjamin, 1977, p.44-45):

Hoje o governo da irmandade é composto de juiz, um escrivão, um tesoureiro, um zelador e doze irmãos de mesa todos escolhidos entre os membros da irmandade que apresentem a melhor conduta. Os dirigentes e irmão de mesa são profundamente religiosos, praticam estritamente os mandamentos, não bebem e tem uma vida bastante ascética.

As irmandades desde sua origem na Europa têm uma função não só soteriológica mas também social, uma das preocupações é auxiliar o “irmão” em suas dificuldades seculares que venha a passar na vida, possibilitar a dignidade é um dos grandes princípios da irmandade, demonstrando que os membros devem ter dignidade nesta vida e na outra, já que o cuidado com o processo fúnebre é outro objetivo da existência da



irmandade. Então surgiu a seguinte pergunta, como garantir o acesso a essa dignidade? Para garantir o apoio e o desenvolvimento de tais atividades as irmandades normalmente são providas de um conjunto patrimonial móveis e imóveis (Benjamin, 1977, p.45):

O patrimônio da irmandade é constituído pelo templo, seus moveis e alfaias, e uma rua de casas onde moram o juiz da irmandade e membros da confraria mais necessitados: é a rua do Rosário. São todas casas modestas, numa rua secundaria da cidade, mais edificadas em tijolos e cobertas de telhas, servidas de eletricidade. A casa do juiz é a “Casa do Rosário”, onde pernoita o Rosário na véspera da grande festa.

A liturgia católica desde 1571 comemora a festa da Virgem do Rosário no dia 07 de outubro, seguindo essa tradição o mês de outubro se tornou o mês do rosário, festejado durante nove dias durante a novena do Rosário, na cidade de Pombal não é diferente (Benjamin, 1977, p.51):

Em Pombal a festa ocorre no primeiro domingo. Nos dias que antecedem, faz-se a novena na igreja. O sábado, dia de feira na cidade, é a véspera da grande festa. Os negros dos pontões, dançam e bebem por todo o comercio da cidade. Milhares de pessoas começam a descer das áreas rurais e chegar das cidades próximas. Ao entardecer tem lugar a grande procissão do Rosário.

Um a um os grupos folclóricos, devidamente uniformizados, vão se ingressando na igreja e se apesentando na capela-mor. Em seguida, com a irmandade reunida e o templo repleto de devotos celebra-se a missa, em meio a zabumbas, adufes, pifes e maracás.

Dentro deste espirito de fé a Grande Festa do Rosário acontece acompanhada de todo um simbolismo e imaginário, fruto de toda uma história marcada por dores e alegrias mantendo a tradição herdadas dos antepassados que na devoção a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos encontram sentido e força para caminharem e expor sua fé, vislumbrando um mundo de justiça e fraternidade.

Concluindo

No presente artigo podemos perceber que apesar de toda transformação no modo de perceber e viver os mistérios da fé hoje altamente influenciada pelo processo de secularização e desafios midiáticos que influenciam diversos devotos em suas práticas religiosas não conseguiu apagar a identidade construída nas Irmandade de São Benedito de Ananindeua e na Irmandade do Rosário dos Pretos em Pombal. Ao contrario



percebemos nos dois casos estudados que a cada ano há um fortalecimento e uma resistência por parte dos devotos à revelia muitas vezes da posição do clero que repetidamente ignoram ou não aprovam as práticas desenvolvidas pelos devotos das citadas irmandades que viram alvo inclusive de perseguições. Confirmando as palavras do mestre Durhand (1979: 55) quando fala da persistência no Êxodo: “A viagem do Êxodo corresponde etapas, e estas etapas são modalidades ordenadoras do divino no homem”

REFERÊNCIAS

Benjamin, Roberto Emerson Câmara. Festa do Rosário de Pombal. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB,1977.

Catálogo dos documentos manuscritos avulsos referentes à capitania da Paraíba, existentes no arquivo histórico ultramarino de Lisboa: Volume 1 . Elza Regis de Oliveira, Mozart Vergetti de Meneses, Maria da Vitória Barbosa Lima – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB,2002

Durand, Gilbert, 1921.Ciência do homem e tradição: o novo espírito antropológico/ Gilbert Durand: tradução de Lucia Pereira de Sousa. 1. Ed – São Paulo: Triom 2008.

GALVÃO, Eduardo.Vida religiosa do caboclo da Amazônia. In:Boletim Nacional, Nova Série-Antropologia.Rio de Janeiro, 1953.

_____. Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas.2 ed.Tese de doutorado.São Paulo: Brasiliense-Nacional, 1955.

HOONAERT, Eduardo. A cristandade durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. 3. ed. São Paulo: Paulinas/Petrópolis: Vozes, 1983. Tomo III/1.



MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica Negro sobre Negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras. Tese (Doutorado em Sociologia).IUPERG-Tec. Rio de Janeiro, 1997.

MAUÉS, Raymundo Herald. Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

_____. Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias e identidades. Belém; Cejup, 1999.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito. Os Donos de São Benedito, Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX..Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. 2006.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. Lá vem meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco. (Século XVIII). 1. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2002. v.1. 228 p.

www.ndihr.ufpb.br/programadeocupacao.html. Título: Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano. Emília Rodat Fernandes Moreira, acessado em 21 de agosto de 2015 as 08:00hs.

SOARES, Mariza de Carvalho. Devotos da cor. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Dedival Brandão da. Os tambores da esperança : um estudo sobre a cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança. Falangola, 1997.

SCARANO, Julita. Devoção e Escravidão. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII, Cª Editorial Nacional, 2ª edição, 1978.



VAUCHEZ, André. (1995). A espiritualidade na Idade Média: Séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. “É um pessoal lá de Bragança...”: Um estudo antropológico acerca de identidades em uma festa de migrantes para São Benedito em Ananindeua/PA. Belém, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.